

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular

Class.: ALR.17749

Data: 28.06.81

Pg.: _____

**Funai vai
contactar os
Avá-Canoeiro**

A Funai vai tentar contatos, no segundo semestre, com o último grupo indígena de Goiás que ainda vive segregado da civilização, os Avá-Canoeiro, que teve seu primeiro grupo civilizado pelo sertanista Apoena Meireles. Vivendo sempre em movimento, escondidos em grotas e cavernas, os cara-pretas deixaram o último vestígio há menos de dois meses, no rio Tocantins, onde abandonaram uma embarcação rústica.

Em Mato Grosso, as tribos Surui, Cinta Larga, Gavião, Paresi, Urueu-wau-wau e Nambicura, que tiveram partes de suas terras afetadas pela construção da BR-364, agora serão beneficiados com hospitais, escolas, cantinas, transportes, remédios e implementos agrícolas.

PÁGINA 1

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular Class.: 5p

Data: 28.06.81 Pg.: _____

Funai tenta contatar os Avá-Canoeiro

A Funai vai tentar, no segundo semestre deste ano, pacificar praticamente o último grupo indígena que ainda vive em Goiás totalmente segredo da civilização: os Avá-Canoeiro, do Nordeste estadual, hoje reduzido a provavelmente duas dezenas de pessoas. Há cerca de 10 anos a Funai tenta aproximação com os carapretas, na região de Cavalcante, onde eles vivem, sempre em movimento, escondidos em grotas e cavernas. A frente de atração será ampliada para uma atuação mais objetiva, com a participação de mais dois mateiros e de pessoal da Superintendência Estadual do Meio Ambiente — Sema-Goiás.

A notícia foi dada, ontem, pelo delegado regional da Funai, Ivan Baiocchi, ao explicar que o último vestígio da tribo foi encontrado há menos de dois meses, no Rio Tocantins. Os índios deixaram uma embarcação rústica, às margens do rio e, ao tomarem conhecimento de que ela havia sido descoberta pelo pessoal da frente de atração, destruíram-na.

AVALIAÇÃO

Durante os 10 anos que a frente de atração vem tentando manter contatos com os Avá-Canoeiro, quase nada de positivo foi conseguido devido ao grau de irredutibilidade dos índios, que recusam qualquer tipo de contato com os brancos. Salientou Ivan Baiocchi que esporadicamente algumas vacas de fazendeiros eram mortas na região; mas até o momento ainda não foi possível saber se elas foram ou não abatidas pelos silvícolas. Isso deixava margem para se acreditar que eles teriam se afastado da região.

Há menos de dois meses, no entanto, os Avá-Canoeiro não conseguiram impedir que suas pistas fossem descobertas. Funcionários da Funai, quando andavam às margens do rio, encontraram uma jangada muito rústica. Após fotografar a embarcação, voltaram ao posto de serviço e constataram que realmente aquele era um trabalho executado pelos índios. Quando retornaram ao local para recolher a jangada, a encontraram destruída, o que teria sido feito pelos próprios selvícolas a fim de permanecerem escondidos.

A partir dessa pista, a Funai decidiu aumentar o número de pessoas na expedição e solicitou a colaboração da Sema-Goiás no sentido de fornecer homens com maiores experiências em selvas e locais montanhosos. As montanhas têm sido um dos principais problemas enfrentados pela equipe na região de Cavalcanti.

OS CARA-PRETAS

Os Avá-Canoeiro ou cara-pretas são conhecidos há mais de século pelos fazendeiros goianos. Eles têm caracteres de índio e negro, devido à miscigenação dessas duas raças.

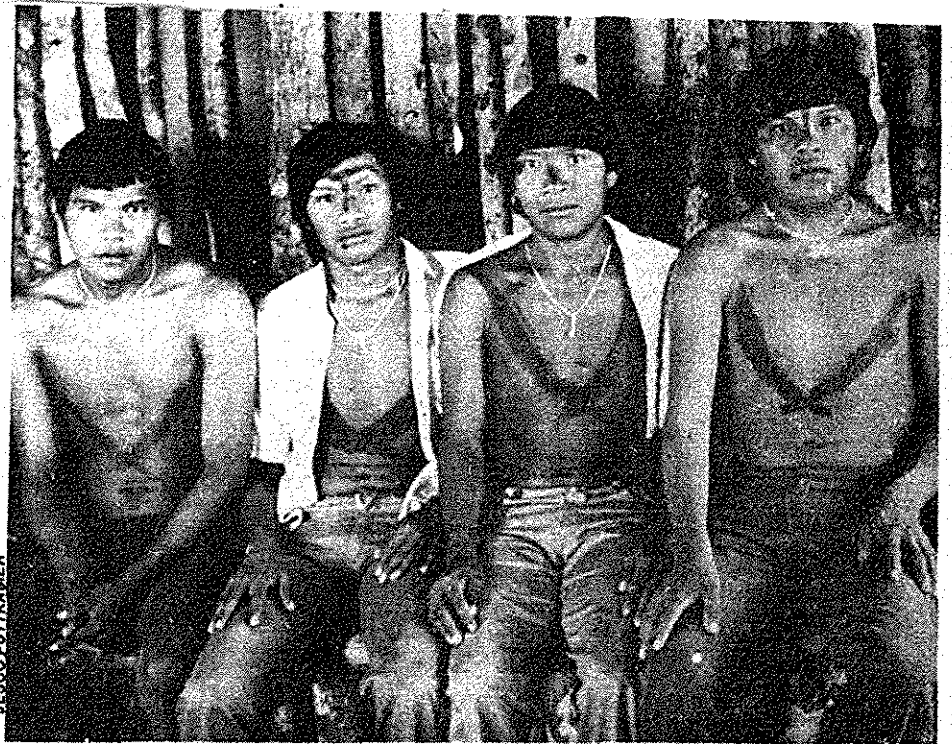
Os Avá-Canoeiro eram uma nação hospitaleira, que recebia como se fossem seus integrantes todos que a procuravam. Os escravos descobriram isso e logo muito negros, que escaparam das senzalas, procuraram e receberam sua hospitalidade. Com o passar do tempo, os índios foram perdendo muitas de suas características raciais, devido ao sangue do preto.

Perseguidos pelos senhores de escravos e depois pelos fazendeiros, os Avá-Canoeiros foram sendo acudados pela civilização, passando muitas vezes ao ataque e destruindo fazendas.

Posteriormente, eles se dividiram em dois grupos, um continuando no Nordeste estadual e o outro seguindo para a região do Araguaia, onde, há poucos anos, Apoena Meirelles os pacificou, numa arriscada e fulminante operação. O sertanista e alguns índios de sua confiança invadiram a aldeia, no município de Formoso do Araguaia, soltando foguetes e gritando e se abraçando com os silvícolas que ali viviam. Um dos acompanhantes de Apoena foi flechado no nariz.

Os Avá-Canoeiro eram apenas nove pessoas, todas sub-nutridas e apavoradas.

Até hoje os Avá-Canoeiro, que agora são seguidos em Cavalcante, no Nordeste estadual, conservam hábitos que os silvícolas dessa região do País não têm: trabalham o ferro e o couro, num artesanato que aprenderam com os negros. As pontas de suas flechas são de ferro, preparado a partir de ferraduras e outras peças velhas de metal abandonadas nas fazendas. Apreciadores de carne de equinos, sempre que têm oportunidade, eles abatem desses animais, causando prejuízo aos fazendeiros que, assim, estão sempre a persegui-los.



Quatro índios Suruí, auxiliares de Apoena na área da BR-364